

RE-DESCOBERTA E APRENDIZADO NO ROTEIRO “NONADA”

Um céu azul e extremamente brilhante acusava... Estávamos sob o sol do Sertão: agudo, pujante, soberano!

As paisagens estavam à espera...

Estava começando uma grande aventura. Não no sentido romântico da palavra, que remete a peripécias arriscadas, precariedades ou desconfortos extremos. A estrutura foi muito bem montada e planejada. Temos mapas, descrições dos roteiros, carros 4X4, equipamentos modernos, guias experientes, equipes de apoio e pessoas, muitas pessoas envolvidas.

Aventura aqui tem o sentido de descoberta. Ou melhor, de Re-descoberta.

Estávamos prestes a embrenhar no mundo fantástico de um certo João, que saiu da “cidade coração” para revelar ao mundo as riquezas e segredos escondidos nos vãos dos Geraes.

Mesmo os mais viajados iriam se surpreender. Mesmo os mais experientes iriam se deliciar. Os calouros iriam espantar-se.

O que mudou? O olhar! Carregávamos em nós a intenção de um olhar diferenciado. Minucioso. Sensível. Rosiano. Um olhar descobridor de forasteiro. Ao mesmo tempo, íntimo – de sertanejos que somos. Estávamos prontos para nos re-conhecer nesse lugar único no mundo chamado

*Acadêmica de Geografia – Unimontes; Extensão Universitária em Turismo e Desenvolvimento Regional – Faculdades Pitágoras de Montes Claros; Técnica em Turismo – CEFET Ouro Preto; Diretora Executiva do Instituto Grande Sertão. Membro suplente do Copam-norte.

Sertão. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas.

A primeira parada foi em Nova Esperança. Um nome sugestivo, não?! Ali nos apresentamos – onze desconhecidos. Onze personalidades, experiências e pontos de vista diferentes! Descobrimos ali, nosso primeiro e maior desafio: conviver.

Chegamos a Mirabela e, já na entrada, nos deparamos com o que dá fama à cidade: a carne de sol! Símbolo do Tropicismo. Marca registrada da culinária norte-mineira, citada inúmeras vezes nas obras de Rosa. São mantas atrás de mantas, expostas em varais de madeira, como roupas a secar. Belo de se ver!

Em Japonvar, fomos muito bem recebidos. À nossa espera estavam: faixas de boas-vindas, o secretário de esportes e turismo Pelé e a secretária de cultura, Nayara.

O nome tão peculiar da cidade vem da junção dos de três outros municípios: Januária, São João da Ponte e Varzelândia. Japonvar é conhecida como a capital do Pequi! E no almoço que nos foi servido, claro, ele estava lá. Sua cor amarelada e a riqueza de nutrientes lhe renderam o apelido de “ouro do cerrado”. Em Japonvar esse apelido é ainda mais apropriado. Ele gera emprego e renda ao município através da Cooperativa de Produtores Rurais e Catadores de Pequi, que produz e comercializa: polpa de pequi desidratada, paçoca de pequi com carne de sol, doces

caseiros, temperos e polpa de frutas silvestres.

Em visita à zona rural do município, conhecemos o Sr. Brás Antônio, de 105 anos(!). A idade avançada lhe trouxe grande dificuldade em se locomover e ele quase não fala mais. Nem precisa... Alguns minutos observando aquela figura quase mitológica são suficientes para apre(c)ndermos muito. As rugas e sua expressão sofrida trazem-nos uma lembrança do sertão de luta pela sobrevivência. Sua íntima solidão é a denúncia do descaso do “resto do mundo”. Seu silêncio revela os desmandos dos tempos dos coronéis que ainda teimam em reinar nesses recônditos – é certo que muitas vezes sorrateiros, mas ainda teimam.

Adiante, adiante...

E à tardinha, quando voltou o vento, era um fino soprado seguido, nas palmas dos buritis, rolada uma por uma.

Cruzamos o Velho Chico sob um pôr-do-sol comovente! Paramos um pouco ali. Fim do dia e do primeiro trecho... Hora e lugar perfeitos para reflexão.

Pousamos em Januária, à noite. Durante o jantar, conversamos longamente com a secretária de turismo, Ana Tereza. Ela nos descreveu os diversos atrativos daquela cidade: história, folclore, belezas naturais, o único pantanal de Minas Gerais... tantos! Sentimos muito não podermos registrar tudo aquilo! O caminho era longo e o tempo escasso!

Partimos para Itacarambi. No caminho, passamos muito próximos ao Parque Nacional Cavernas do Peruaçu. Sabedores da beleza mágica do lugar, nos sentimos tentados a fazer um pequeno desvio de rota. Porém, mais uma vez, nos rendemos à escassez de tempo e prosseguimos.

Itacarambi é uma cidade muito simpática. Muitos jardins ornamentados com flores enfeitam suas ruas largas e suas praças. Fomos recebidos pelo coordenador de meio ambiente João Versiani, que nos conduziu até os estúdios da rádio local, onde fomos entrevistados ao vivo. Divulgamos a Expedição e respondemos a questões sobre o objetivo, os roteiros, os números, os participantes e as entidades viabilizadoras. Mais tarde encontramos o Prefeito José Ferreira de Paula e conversamos durante o almoço. Depois, ele nos acompanhou até a creche do município, que é tida como modelo. Realmente um exemplo fantástico de cuidado e respeito pelas crianças.

Mas o grande acontecimento de nossa passagem por Itacarambi foi a chegada do helicóptero! Quando ele pousou no campo de futebol foi uma festa! Muitos curiosos, a maioria crianças, aguardavam e não desgrudaram de lá até a sua decolagem. A aeronave veio para apoiar o roteiro. No vôo embarcaram: os fotógrafos e o cinegrafista para tomada de imagens aéreas.

Os demais componentes da equipe seguiram por terra até São João das Missões. Agora já podíamos perceber melhor os geraes. Esses gerais em serras planas, beleza por ser tudo tão grande, repondo a gente pequenino.

Nesse trecho bellissimo, a Mata Seca reina. Dizem que esse ecossistema só existe por esses lados. Nele convivem espécies do cerrado, da caatinga e da floresta tropical. Frágil e pouco conhecido, carece de maior proteção através da criação de novas unidades de conservação, embora já exista aqui o Parque Estadual da Mata Seca, que se estende desse ponto da estrada até às margens do Velho Chico, no município de Matias Cardoso.

Enquanto isso, a outra parte da equipe pousava na Reserva Indígena dos Xacriabás. Dona Cina, uma índia de 118 anos, contrastando com a geração de indiozinhos internautas que hoje vivem na reserva, foi a grande descoberta de nossos amigos. Cheia de vida e de bom humor, ela encantou a todos com suas histórias. Histórias de um tempo em que o índio era senhor de suas terras, não havia cercas e porteiras e a natureza era a única fonte de toda a riqueza de seu povo.

Em São João das Missões, nova festa para pouso e decolagem, onde os nossos companheiros se reintegraram ao grupo.

Seguimos com destino a Montalvânia, por uma estrada extremamente precária. Depois da passagem por Manga e uma breve parada à beira do rio São Francisco retomamos a estrada, BR 135, que só piorava. Para nosso alento, no horizonte o sol se dobrava... Ver belo: o céu poente, de tardinha, a roséia daquela cor.

Chegamos em Montalvânia com noite já avançada, exaustos e famintos. Banho, jantar e cama eram tudo o que queríamos.

Pela manhã, já refeitos, pudemos conhecer um pouco dos mistérios dessa cidade. “Coisas estranhas acontecem aqui” – disse-me um senhor na rua. Lendas de extraterrestres, luzes e aparições povoam o imaginário desse povo. Montalvânia foi fundada em 1952, por Antônio Montalvão, que depositou ali o sonho nobre de um território livre do poder desregrado dos coronéis da região.

Hoje, outro tipo de “poder” ameaça a região. Boa parte da produção de carvão ilegal do estado circula por ali. Estávamos no extremo norte de Minas, dali “um passo” é a Bahia. A região de fronteira, isolada dos grandes centros, propicia a produção e a comercialização do carvão de origem nativa, através de práticas duvidosas. Um crime difícil de combater, que ameaça a sobrevivência do cerrado.

Partimos novamente. Dali em diante, os sinais de civilização se tornaram cada vez mais raros; o geraes foi se mostrando mais e mais legítimo. Segundo nossos guias, essa região é considerada a mais preservada do estado. O sertão é isto: o senhor empurra pra trás, mas de repente ele volta a

rodar o senhor dos lados.

Nesse dia não tivemos almoço, lanche rápido em um botequim de Miravânia. Parada rápida na cachoeira do rio Japoré para refrescarmos a nuca. Mais adiante, prosa no antigo alambique da cachaça Motinha, famosa na região.

Dai longe em longe, os brejos vão virando rios, buritizal vem com eles, buriti se segue, segue. Estávamos chegando ao Parque Estadual Veredas do Peruaçu.

As famosas veredas estão por toda parte. Algumas, ainda fora dos limites do parque, já não estão tão vivazes e padecem sobre brejos assoreados. Mas a maioria delas é exuberante! Entendemos porque Rosa as deu tanta importância em sua obra, "gastando" linhas e mais linhas descrevendo-as minuciosamente e apaixonadamente. Cada uma é uma explosão de vida e de beleza. Nos Gerais. Ah, buriti cresce e merece é nos gerais!

Chegamos ao alojamento já à noite. Oba, roda de viola! Toda a beleza quase intocada que presenciamos naquele dia aliada à música nos fez muito bem. Os ânimos, que andavam exaltados, relaxaram e conseguimos vencer enfim parte das nossas dificuldades de convivência.

Sobre nós um céu sem lua. De noite, se é de ser, o céu embola um brilho. Cabeça da gente quase esbarra nelas. Bonito em muito comparecer, como o céu de estrelas.

Pela manhã, seguimos para o Candeal, distrito de Cônego Marinho. Conhecemos o trabalho em cerâmica da comunidade, que já é reconhecido como patrimônio imaterial pelo IPHAM - Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e se encontra em processo de tombamento. As peças são fabricadas a partir da uma argila branca, retirada dos barrancos. Guardam uma beleza rústica que agradou a todos. Para nossa sorte, quando já íamos partindo, começou o batuque. Uma senhora tocando uma caixa e cantando e as pessoas dançando alegremente. Claro, entramos na dança, sob a benção do São Gonçalo, que espreitava a todos de seu oratório num canto de parede.

As estradas difíceis atrasaram o percurso, então seguimos direto para Januária. Almoçamos à beira do Velho Chico, com direito a passeio de canoa e uma palhinha do nosso violeiro, e seguimos para Montes Claros.

De volta, ainda atônitos com tudo o que havíamos vivido nesses intensos dias, participamos de uma linda festa que a equipe organizadora havia preparado para nos receber e às cinco outras equipes que andaram "na garupa de Rosa".

Cada pessoa com um universo de descobertas a narrar, comentar. Casos, causos, histórias, lendas, acontecimentos, aprendizados.

Nonada? Modéstia, Riobaldo! O Sertão é do tamanho do mundo!

∞

Todos os trechos em itálico são de autoria de João Guimarães Rosa e foram retirados de: Grande Sertão: Veredas e Noites do Sertão.

Agradecemos às pessoas que encontramos pelo caminho:

Pelé – Secretaria de Esportes e Turismo de Japonvar; Nayara – Secretária de Cultura de Japonvar; Seu José – Presidente da Cooperativa de Produtores Rurais e Catadores de Pequi de Japonvar; Ana Tereza – Secretária de Turismo de Januária; Cida – restaurante do SESC Laces de Januária; Adilson – recepcionista do SESC Laces de Januária; Mirandes - SESC Laces de Januária; José Ferreira de Paula – Prefeito de Itacarambi; Márcia Versiani – Secretária de Turismo de Itacarambi; João Versiani – Coordenador de Meio Ambiente de Itacarambi; Gatinho – Chico's Bar e Restaurante (Itacarambi); Crianças da Creche Municipal de Itacarambi; Ildeu dos Reis – Prefeito de Lontra; Melissa – Primeira dama de Lontra; Adailton – Coordenador de Meio Ambiente de São João da Missões; Hilário – líder da comunidade dos Xacriabás; Domingos – cacique Xacriabá; Ciná – índia Xacriabá; Gambas e Abel – pilotos do helicóptero; Toninho – Guarda-parque (Veredas do Peruaçu); Vilene – zeladora do alojamento do Parque Estadual Veredas do Peruaçu; Cachaça Motinha; Júnior – canoieiro de Januária; Associação de Artesãos do Candeal; Bicitáxi de Montalvânia; Neném – Cooperativa de Produtores Rurais e Catadores de Pequi de Japonvar; e a todos que nos ajudaram nessa empreitada.





Foto: Salom Queiroz





Foto: Solan Queiroz

Dona Cina



Parque Veredas do Peruaçu



Rio São Francisco/Januária

